

ARTIGOS LIVRES

A Expansão do mal: O século XX pela óptica dos exorcistas

Expansion of Evil: The 20th Century from the Perspective of Exorcists.

Davi Silva Franco (davisttinsson@gmail.com)

Mestrando pela Universidade Estadual do Ceará (UECE)¹

Resumo:

Este artigo destina-se a analisar um conjunto de livros escritos por padres exorcistas e inventariados entre 1990 e 2010 na Itália. Busca-se problematizar como esse grupo católico interpreta as transformações históricas, sociais e culturais do século XX, e de que modo se organiza para disseminar discursivamente uma narrativa que denuncia a modernidade como expressão da ação demoníaca. Nessas fontes, é possível identificar uma forte compreensão de que o século XX foi marcado por um aumento global da atividade demoníaca, explicado principalmente pelo afastamento das pessoas da Igreja, um processo iniciado com os avanços científicos e tecnológicos do século XIX e que teria se intensificado de forma inédita no século XX. Contudo, por meio da análise dos textos, dos argumentos de seus autores e da leitura crítica do contexto histórico em que foram produzidos, observa-se que a denúncia da expansão do mal no século XX está vinculada não apenas ao pecado, mas também a processos de democratização social, à laicização do Estado, ao aumento da liberdade sexual e a outras transformações culturais. Por fim, a chamada *crise da expansão do demoníaco* se traduz em um movimento de reação por parte de grupos católicos que buscaram mitigar as perdas de privilégios e de poder da Igreja ao longo do século XX.

11

Palavras-chave: Exorcismo; Modernidade; Crise religiosa.

Abstract:

This article aims to analyze a set of books written by exorcist priests and catalogued between 1990 and 2010 in Italy. It seeks to problematize how this Catholic group interprets the historical, social, and cultural transformations of the twentieth century, and how they organize themselves to discursively disseminate a narrative that denounces modernity as an expression of demonic action. In these sources, one can identify a strong understanding that the twentieth century was marked by a global increase in demonic activity, explained mainly by the distancing of people from the Church — a process that began with the scientific and technological advances of the nineteenth century and allegedly intensified in unprecedented ways in the twentieth century. However, through the analysis of the texts, the arguments of their authors, and a critical reading of the historical context in which they were produced, it becomes evident that the denunciation of the expansion of evil in the twentieth century is linked not only to sin, but also to processes of social democratization, the

¹ Bolsista de Mestrado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

secularization of the state, the increase in sexual freedom, and other cultural transformations. Finally, the so-called “crisis of the expansion of the demonic” is translated into a reactionary movement by Catholic groups seeking to mitigate the Church’s loss of privileges and power throughout the twentieth century.

Keywords: Exorcism; Demonic power; Historical transformations.

1. Introdução

Este artigo é fruto de uma trajetória de pesquisa histórica sobre o mal, sobre as construções religiosas cristãs sobre o maligno, sobre como essas forças se fazem presentes no imaginário dos grupos e se projetam no espaço social através das ações ordinárias ou ritualísticas dos sujeitos, e claro, sobre como esses conceitos podem ser discursivamente moldados em formatos narrativos que buscam atender as demandas políticas da Igreja católica.

Partimos do marco teórico da Nova História Cultural, pensando as fontes como objetos carregados de potencialidades, que além de buscar imprimir um sentido de verdade sobre o leitor, são carregados de uma historicidade, construções bem enraizadas no seu tempo histórico que nos revelam muito sobre as sensibilidades e anseios que atravessam uma realidade histórica (Chartier, 2002).

Francis Young (2016) reflete sobre como exorcismos sempre ressurgem em épocas de crise para Igreja, embora no último quartel do século XX a projeção mundial que o ritual de exorcismo alcançou se dera mais por elementos culturais que arregimentaram o público e os apresentaram ao ritual, como o clássico filme *O Exorcista* de (1973) e os outros que se seguiram, ou as músicas de Heavy Metal que falam sobre isso. Young não poderia estar mais certo em sua afirmação.

Para os padres exorcistas que se organizaram, e formaram a Associação Internacional dos Exorcistas (AIE) por volta do ano de 1990 na Itália, o século XX é o “século de satanás” (Pestana, *Apud* Amorth 2008, p. 12), uma época ímpar da humanidade, onde o diabo atua e se faz presente no mundo através de vários dispositivos, como a política, a mídia, a educação, a economia e a tecnologia.

Esse grupo de exorcistas, a AIE, foi fundada em 1994, pelo falecido Padre Gabriele Amorth e pelo Padre René Chenesseau, na Itália, com o apoio de outros exorcistas, como uma

resposta a essa situação histórica que eles compreendiam estar imersos, onde o diabo penetra o tecido social por tantas vias.

Para esta investigação histórica, utilizaremos como fonte três livros escritos na Itália e publicados mundialmente, traduzidos em várias línguas, por padres exorcistas dessa Associação, *um esorcista racconta* (1990), utilizaremos também sua versão em português *um exorcista conta-nos* (2000), bem como, *Possessioni diaboliche ed exorcismo: Come riconoscere l'astuto ingannatore* (2004), e *Summa Daemoniaca* (2004).

Para tal, utilizaremos da metodologia da cultura escrita, a partir de Ana Maria Galvão (2010) para compreendê-los dentro do processo histórico em que foram concebidos, para pensarmos sobre as condições sociais, culturais e históricas pujantes no momento de escrita, e publicação desses livros, que possibilitaram a existência do próprio escrito, que nesse caso, como iremos ver, surgem como uma incisiva resposta a uma crise religiosa causada pela incredulidade dita moderna, e a multiplicação de outras formas de religiosidades que desafiavam, ou mesmo contrapunham os dogmas da Igreja.

Eles denunciam as ações nefastas do diabo, latentes as transformações históricas ocorridas no século XX, que de forma tangente e ou gradual, enfraqueciam o poder católico, tais como a laicização dos estados na formação das repúblicas, que preconizava apartar um estado democrático de direito de uma religião oficial, estatização ou privatizações de instituições como o casamento e trabalhos funerários.

Essas transformações também diziam respeito sobre os aspectos culturais da vida social, tais como um aumento de liberdade religiosa, liberdade sexual, e liberdade econômica, que segundo esses exorcistas autores dos livros que serão analisados, essas coisas são também parte do plano diabólico para afastar as pessoas da Igreja.

Partindo da cosmovisão desses exorcistas, o universo católico como eles conhecia não poderia estar passando por uma crise maior. O Século XIX e os avanços dos estudos científicos colocava em xeque ou sob suspeita muitas das ditas verdades sagradas, ao passo que as transformações culturais pareciam afastar as pessoas da religião católica.

O ritual de exorcismo e a crença a respeito da possessão demoníaca é um campo onde essas transformações se evidenciam de maneira mais imediata, haja vista que, como nos explica Kamila

Dantas (2015), o homem medieval tinha uma outra relação com o sobrenatural, associando causa de doenças como loucura, epilepsia e outros, a origens sobrenaturais, sendo entendidas como castigos divinos.

Com o avanço dos métodos e estudos científicos, as ciências psicológicas passaram a interpretar a possessão como manifestação de patologias mentais, como aponta Cassio Rossetee (2020). Nesse contexto, aqueles que continuaram a realizar exorcismos foram frequentemente classificados como fanáticos, como reflete Joseph Laycock (2022).

O avanço dos estudos científicos que negavam elementos das verdades sagradas, o surgimento cultural de movimentos e grupos que diziam abertamente adorar ao diabo sob uma forma simbólica da rebeldia, da liberdade incondicional, um ar de incredulidade que pairava sobre os sujeitos, entre outros elementos surgidos ou intensificados a partir do século XX, que configuraram uma intensa crise religiosa para o catolicismo como nos explica Massimo Bonato (2014).

Não à toa, essa época é denunciada por esses exorcistas tão fortemente sob o signo do flagelo do maligno sob a humanidade, dessa forma, estabeleceremos níveis de compreensão sobre a forma que esse grupo de padres exorcistas traçam uma narrativa de demonização das transformações históricas do século XX, algumas que democratizavam a própria vida em sociedade, que se traduz em um movimento estratégico religioso que busca demonizar essas mudanças a fim de conservar o ritual exorcístico, a necessidade do ritual e um imaginário religioso onde anjos e demônios digladiam em um combate espiritual que tem o humano como peça fundamental.

Por fim traduz-se num estratagema religioso que busca conservar um imaginário que permita a Igreja exercer poder e controle sobre os fiéis, de forma que, a incredulidade religiosa ou a apreensão de outras crenças e religiões desregula e afrouxava o mecanismo de controle da Igreja sobre os sujeitos, à medida que os sujeitos paravam de acreditar nas verdades sagradas e a Igreja perdia cada vez mais espaço dentro da sociedade.

Para tal tarefa nos utilizamos como fontes livros escritos por padres exorcistas, a maioria associados a Associação Internacional Exorcista, aos quais analisaremos sob a metodologia da cultura escrita para entender esses documentos dentro do processo histórico em que foram

concebidos, para pensarmos sobre quais condições sociais e culturais históricas e pujantes no momento de escrita e publicação desses livros possibilitaram a existência do próprio escrito, que nesse caso, como iremos ver, surgem como uma incisiva resposta a uma crise religiosa causada pela incredulidade dita moderna, e a ascensão livre de repressão de outras formas de pensar o universo espiritual fora dos escritos bíblicos ou das determinações da Igreja.

Não à toa essa época é denunciada tão fortemente sob o signo do maligno sob a humanidade. Destarte, estabeleceremos níveis de compreensão sobre a forma que esse grupo de padres exorcistas traçam uma narrativa de demonização das transformações históricas do século XX, algumas que democratizavam a própria vida em sociedade, que se traduz em um movimento estratégico religioso que busca demonizar essas mudanças a fim de conservar o ritual exorcístico, a necessidade do ritual e um imaginário religioso onde anjos e demônios digladiam em um combate espiritual que tem o humano como peça fundamental.

Por fim, observa-se a constituição de um estratagema religioso que atua na preservação de um imaginário voltado a assegurar à Igreja a manutenção de poder e controle sobre os fiéis. A adesão a outras crenças ou a incredulidade em relação às verdades sagradas produz um tensionamento nesse mecanismo de controle, na medida em que desestabiliza a autoridade e compromete sua eficácia disciplinadora. Tal processo, entretanto, não deve ser interpretado de modo simplista como um “declínio” absoluto da Igreja dentro da sociedade, uma vez que, mesmo diante das transformações históricas e culturais, a instituição católica permaneceu com presença expressiva em determinada localidade e demonstra uma capacidade de reorganização diante dos novos cenários.

2. Século XX: um século sem Deus?

Busca-se aqui, estabelecer níveis de compreensão sobre as formas como os autores desses livros, buscam dar a forma e compreensão da importância do ritual exorcístico, a partir da compreensão da realidade histórica em que estão inseridos, de modo a reconhecer que, para estes, os problemas que eles denunciam como os males modernos, são nada mais, do que articulações do diabo e seus demônios afim de vencer a Igreja.

O livro *Un esorcista Racconta* (1990) escrito por Gabriele Amorth, o Exorcista de Roma, é chave para entendermos um elemento que compõe o núcleo principal desta pesquisa, compreender a forma de como o entendimento e a interpretação desses padres exorcistas, sobre transformações históricas do século XX e sobre o momento que eles vivem, da década de 90 ao século XXI, legitima não somente uma grave urgência do ritual exorcista a nível global, mas também configuram o próprio entendimento de porquê o ritual *funciona* e como deve ser executado para ter efetividade.

O prefácio a edição portuguesa desta obra, escrita por Dom Manuel Pestana Filho² escancara quase todas as questões que serão discutidas a frente, e se apresenta como um bom cartão de entrada para o que buscamos evidenciar.

O bispo de Anápolis, Dom Manuel Pestana Filho, ao trazer o seu tópico do prefacio intitulado “Nós precisamos de exorcismo” (Pestana, *Apud* Amorth 2008, p. 5) e repetir no fim do seu texto que nós precisamos “urgentemente!” (Pestana, *Apud* Amorth 2008, p. 5) de exorcismo, apresenta uma defesa da prática desse ritual justificado por uma leitura da realidade em que o diabo se acha instalado em todos os setores estruturais da sociedade, nas palavras do próprio bispo, uma infiltração visível do demônio uma realidade que padece, sob o sol de satanás, (Pestana, *Apud* Amorth 2008, p. 6).

É óbvio que, essa forma de pensar o diabo, escondido por diversas faces e presente de maneira quase onipresente na sociedade, almejando o fim da Igreja e do povo cristão não é novo³, mas dentro desses discursos recortados para a pesquisa, eles configuram uma nova face, que explica esse ressurgimento do diabo com tanta força.

Uma leitura da realidade que se alinha bastante à que o autor traz, como veremos adiante, e que impulsionará a outras discussões sobre a natureza da compreensão do ritual dentro dos recortes pretendidos, é perceptível a seguir:

O século do homem sem Deus, anunciado por Nietzsche, transforma-se no século de Satanás, que prepara o seu reino com a 1º guerra mundial, implanta o comunismo ateu e tirânico, contra Deus e contra o homem, na revolução bolchevista de 1917, semeia a

² Dom Manoel Pestana Filho (Santos, 27 de abril de 1928 - Santos, 8 de janeiro de 2011) foi um bispo e escritor brasileiro. Foi ordenado sacerdote em 1952, nomeado bispo da Diocese de Anápolis em 1978 e em 2004, aposentou-se aos ofícios sacerdotais. É o autor do livro “Igreja Doméstica”, publicado pelas Edições Loyola em 1980.

³ Confira: NOGUEIRA, Carlos Roberto Ferreira. O diabo no imaginário cristão. 2º edição. Bauru, São Paulo. EDUSC, 2002.

Europa inteira de ruínas e sangue com a 2º guerra mundial, fruto dos poderes das trevas; invade todas a terra de ódio, terror, impiedade, heresia, blasfêmia e corrupção em guerras e revoluções sem entregue; insinua-se de início, como fumaça, e, depois, implanta-se, poderoso, no seio da própria Igreja. (Pestana *Apud* Amorth, 2008, p. 7).

Das guerras mundiais ao comunismo ateu, tudo é denunciado como evidências de ações nefastas do diabo sobre a humanidade, uma realidade diabólica, consequência direta de uma postura hesitante da Igreja para com o Diabo, em que “ao aproximar-nos do último quartel do século XX, contestasse a existência de anjos, desaparece a oração de São Miguel suspendem o exorcismo e o ministério exorcista mergulha no silêncio” (Pestana *apud* Amorth, 2008, p. 8).

Pestana Filho encerra seu prefácio celebrando a capacidade que o livro escrito por Amorth tem não somente de contemplar e avaliar o imenso estrago que é feito, na igreja e no mundo, quando se para de levar o diabo a sério, como também fará o trabalho de “despertar muitas consciências narcotizadas pela civilização da morte e da mentira” (Pestana *apud* Amorth, 2008, p. 8).

O século do homem sem Deus, dito por Pestana Filho (Pestana *apud* Amorth, 2008, p. 7) o, faz referência a uma proclamação de Nietzsche na qual afirma que Deus está morto em *A Gaia Ciência* (1882), e aprofundado em *Assim Falou Zaratustra* (1883). A afirmação de Nietzsche não tem um peso literal, mas se refere a um processo essencialmente oitocentista de transformação cultural, social e econômico que colapsava os valores tradicionais religiosos que sustentavam a moralidade e a posição de poder da Igreja Católica, de forma que a Igreja perdia cada vez mais posições dentro da crescente gama de novos poderes e discursos que ascendiam com a finalidade de explicar o mundo e os fenômenos que nele ocorrem.

As notas da tradutora para a edição em português feitas por Maria de São José Souza, questionam se essa realidade diabólica vivida no século XX e citada por Pestana Filho não seria um exagero, mero pessimismo e obscurantismo, somente para em seguida nega essa possibilidade, afirmando que tudo é puro realismo, bastando apenas olhar a nossa volta para perceber imediatamente essa realidade, segundo Maria de São José Souza *apud* Amorth (2008), o inimigo atua de duas maneiras. Para fins de organização da narrativa, iremos dividir a citação de Maria em duas partes, pois cada parte, dar conta de evidenciar uma forma da ação diabólica no mundo de maneiras diferentes:

O inimigo age de duas maneiras.

- De forma discreta: por exemplo a banalização da morte pelos mass-media, a mentalização gradativa para que se aceite a eutanásia; as leis do divórcio e do aborto defendidas na própria ONU e divulgadas nos filmes e telenovelas em horas de grande audiência, sem esquecer os <ingênuos> desenhos animados dirigidos as crianças incentivando ao ódio a vingança a violência a mentira ao egoísmo em um gosto mórbido pelo desarmonioso, para não lhe chamar de horrível. (Souza *Apud* Amorth, 2008, p. 11).

Resguardaremos assim a outra parte de sua escrita para um pouco mais adiante, para analisarmos melhor separadamente cada uma destas. Maria de São José nos esclarece, pormenorizadamente, as estratégias pelas quais o diabo, ardiloso e furtivamente, trama contra os valores cristãos, tais como o casamento religioso, valorização da vida, e as virtudes em geral.

Se tomarmos ainda um terceiro texto que escreve esse livro, o prefácio a edição francesa do livro pelo teólogo René Laurentin⁴, nos dá mais exemplos através do qual o diabo se apresenta no mundo, atacando os sujeitos escondido sob uma organização do mundo que é feita pra lhes atacar:

O aumento extraordinário do erotismo, a apologia vitoriosa da homossexualidade, o mercado insinuante da droga e das suas máfias são os exemplos mais visíveis. A expansão do ateísmo e do materialismo e de tantas ilusões na nossa cultura e na nossa publicidade, levar-nos-ia, em meados do século XX a dizer: o demônio modernizou-se. Organiza o seu reino no mundo como um presidente do conselho de administração de uma empresa: tudo trabalha para ele. Vai poder repousar, renunciar às diabruras de antigamente, mas a sua maior habilidade é fazer-nos crer que não existe. (Laurentin *Apud* Amorth, 2008, p. 18).

18

Todos esses pré-textos introdutórios ao livro de Amorth apresenta ao leitor através de exemplos históricos, uma compreensão católica e profundamente conservadora sobre as transformações sentidas no século XX, e denuncia por trás dessas mudanças, a ação nefasta do diabo e seus demônios.

Essa narrativa católica, engendra esses vários discursos para demonizar essas mudanças sociais e culturais como as leis do divórcio, do aborto e da eutanásia, bem como um suposto aumento apologético da homossexualidade, do erotismo, da liberdade sexual e do ateísmo.

Ou seja esse contexto que atravessa o século XX de uma laicização dos estados nacionais, provenientes de uma modernidade liberal ou de um “socialismo ateu” (Amorth, 1990, p. 108) são percebidos como uma visível propagação do mal, em virtude da perda de privilégios que essas mudanças implicavam, tais como perda de influência tanto na esfera pública já que a laicização

⁴ René Laurentin (Tours, 19 de outubro de 1917 – Paris, 10 de setembro de 2017) foi um teólogo francês, doutor em Mariologia e reconhecido especialista no estudo de aparições marianas.

preconiza a não existência de uma religião oficial, como na esfera individual devidos a comportamentos desviantes proporcionados aos montes pela modernidade que afastam os indivíduos da vida religiosa (Chaves, 2014).

Teremos tempo para aprofundar nessa relação entre a mudanças da modernidade e a compreensão de uma realidade diabólica, e de como essa visão é apresentada ao leitor (três vezes antes de iniciar o livro) de maneira redundante e apressada a convence-lo sobre as condições históricas da sua realidade, uma realidade entregue ao diabo e, por consequência, da necessidade dos exorcismos.

Amorth, no segundo capítulo do seu livro intitulado *[il potere de satana] (o poder de satanás)* (1990) fala com muita convicção de que por mais que a ação diabólica seja uma realidade que abrange todos os homens e todos os tempos de maneira constante, há épocas da história em que se faz sentir mais fortemente, e então cita exemplos como o império romano nos anos de declínio e crise que levaram a sua fragmentação, e afirma que o descalabro moral daquela época é um reflexo direto de uma forte ação do diabo e sua corja na sociedade. Logo em seguida, afirma que vivemos novamente um desses momentos e nos oferece uma explicação para essa configuração de mundo:

Quando fiz meus estudos sobre império romano do tempo da decadência foi-me posto em destaque a crise moral daquela época. [...] Ora, encontramos-nos no mesmo nível devido, entre outras coisas, ao mau uso dos meios de comunicação social (que em si mesmo são bons), assim como ao materialismo e ao consumismo que envenenaram o mundo ocidental. (Amorth, 1990, p. 35, tradução nossa).

Eric Hobsbawn (1997) nos fala sobre as mudanças sociais e culturais que ocorreram no século XX como sendo tão violentas ao ponto de abranger e abalar as estruturas de relações sociais, os sistemas de pensamento e nos ajuda a entender sobre como essas mudanças como por exemplo o aumento do poder aquisitivo, de jovens, a estatização das instituições como casamento, culmina paulatinamente em uma perda de espaço considerável pela Igreja e dos pensamentos mais tradicionais (dos mais atacados) dentro das sociedades modernas. O que explica nesta análise, a compreensão de uma realidade diabólica apresentada por Amorth, Francesco Bamonte, José Antônio Fortea e outros exorcistas escritores.

É a partir da crise de arranjos básicos como a família e matrimônio que Hobsbawm analisa as transformações especialmente culturais do ocidente desenvolvido na segunda metade do século XX, onde há uma substancial diminuição dos casamentos formais, e do desejo feminino por ter filhos e de compor um núcleo familiar, em detrimento de uma série de mudanças nas leis e ou nas formas de se pensar sobre assuntos como a homossexualidade, o aborto, a venda de anticoncepcionais e o divórcio.

Todas essas mudanças são sintomas de um mundo em metamorfose, que pode ser percebido através do movimento em que, gradualmente a Igreja Católica tradicional ficava cada vez mais à deriva desse novo mundo em formação, que parecia caminhar cada vez mais em direção de novas reivindicações de liberdade frente aos antigos padrões de pensamento, agora dito comumente medievais, como nos aponta Amorth (1990).

Amorth, logo ao iniciar o capítulo [*I Colpiti Dal Maligno*] (*As vítimas do maligno*), capítulo destinado a traçar um perfil das pessoas que são afetadas pelo demônio, apresenta que os motivos que explicam o aumento considerável de possuídos e pessoas que precisam de algum tipo de libertação:

Em primeiro lugar analisemos a situação do mundo consumista do ocidente em que o sentido materialista e hedonista da vida fez com que muita gente perdesse a fé. Penso que cabe, sobretudo em Itália uma grande parte da culpa cabe ao comunismo e ao socialismo que com as doutrinas marxistas, dominaram nestes últimos anos a cultura, a educação e o mundo do espetáculo. (Amorth, 1990, p. 59, tradução nossa).

Nos ateremos a refletir sobre a afirmação de Amorth que coloca a situação do mundo “consumista e hedonista” (Amorth, 1990, p. 153) como sendo responsável pela perda de fé das pessoas. Como podemos entender os pensamentos dos exorcistas em relacionar uma causalidade entre as duas coisas?

Certamente podemos atribuir essa cultura consumista citada pelo exorcista, como uma realidade possibilitada pela situação econômica que a formou, pois os adolescentes recém saídos da escola e com um emprego em tempo integral, detinham um poder aquisitivo muito maior que seus antecessores, graças a era de ouro da economia. Nesse sentido, forma-se um novo grupo social de pessoas com poder aquisitivo que rejeitava o rótulo de criança, mas que era completamente

apático ao universo mental de pessoas com mais de 30 anos de idade, um grupo de indivíduos que cresceu em um mundo sob o as regras e os valores dos mais velhos não mais parecem relevantes, evidenciando um abismo que separa essas gerações para nos apontar as sucessivas e violentas transformações sociais e culturais no século XX Hobsbawn (1997).

Havemos de nos perguntar agora, por que um consumismo hedonista? Entendamos por prática de compras em busca de satisfação pessoal? Fora apresentado por esses padres como uma realidade diabólica? um momento histórico onde o diabo age com mais intensidade e detém mais poder?

Amorth é bastante claro ao afirmar que é matemática a explicação pela qual as pessoas paulatinamente no decorrer do século XX tem se afastado da religião. Comtemplando os parágrafos anteriores, acusa as tecnologias de serem utilizadas pelo diabo, em seus planos malignos:

Em Roma por exemplo, calcula-se que somente 12% dos habitantes vão a missa aos domingos. **É matemático: onde a religião cala, cresce a superstição. Daí a difusão especialmente entre os jovens da prática do espiritismo, da magia e do ocultismo.** E ainda o yoga, o zen e a meditação transcendental: tudo práticas fundamentadas na reencarnação, Encontram-se mesmo livros especializados nos quiosques, e o material para a prática da magia é difundido podendo ser até vendido por correspondência. [...] esses métodos aparentemente inofensivos conduzem muitas vezes a estado de alucinação ou de esquizofrenia. Juntemos isso a nociva proliferação das seitas, algumas das quais declaram abertamente obediência a satanás. **A magia e o espiritismo são incentivados por intermédio da televisão** [...] junte isso também a difusão de certas músicas de massas que invadem o público até a obsessão, **faço aqui muito particularmente ao rock satânico** ao qual Piero Mantero consagrou sua obra intitulada satana e lo stratagemma dela coda (edicionis segno, unide, 1988) **Ele fez referência espetacular incidência que estes veículos de satanás têm sobre os jovens,** É incrível observar como formas de magia e espiritismo espalhou-se dentro das universidades e das escolas, o mal generalizou-se mesmo nos pequenos centros. (Amorth, 1990, p. 60, tradução nossa, grifos nossos).

Tal qual exposto, a preocupação desses exorcistas com o consumismo ocidental se traduz na preocupação com elementos que se apresentam bem mais nocivos à Igreja católica, como a ascensão e reconhecimento de outras várias formas de religião e outras formas de pensar a esfera divina. Tal abertura foi tanto possibilitada como estimulada pelos avanços dos estados democráticos ocidentais rumo à laicização que preconizava a coexistência de várias religiões. Outra característica desse momento foi a mercantilização dessas outras formas de religiosidades,

uma mercantilização do que José Antônio Fortea (2004) nomeia de uma estética do mal, elemento fundamental que compõe o *rock satânico*⁵ que, segundo esses exorcistas, tem um poder arrebatador de tocar as sensibilidades dessa população jovem.

Obviamente, Amorth e os outros exorcistas, também reconhecem que a condição de estar em um estado grave de pecado, é também motivo pelo qual Deus, supostamente permite que o demônio ataque um sujeito, de diversas maneiras, inclusive podendo chegar à possessão demoníaca, “pecados como crime de aborto, perversões sexuais, homossexualidade, uso de drogas, vida matrimonial desordenada, práticas ocultistas” (Amorth, 2008, p. 61).

Contudo, delimitamos agora a refletir sobre a relação entre essas transformações do século XX, guiadas em um primeiro momento por um otimismo científico e tecnológico, que atravessando três guerras, 1º e 2º guerra mundial, respectivamente (1914-1918) e (1939-1945), e a denominada guerra fria (1947-1991), entra em crise. Os debates sobre o limite da razão, e os perigos do progresso científico o *pânico nuclear*⁶, coadunavam a uma realidade onde o esotérico, que nunca fora substituído completamente pelo pensamento científico, volta a ganhar força, destaque e vira alvo de interesse público:

A desconfiança e o medo da ciência eram alimentados por quatro sentimentos: o de que a ciência era incompreensível; o de que suas consequências tanto práticas quanto morais eram imprevisíveis e provavelmente catastróficas; o de que ela acentuava o desamparo do indivíduo, e solapava a autoridade. Tampouco devemos ignorar o sentimento de que, na medida em que a ciência interferia na ordem natural das coisas, era inerentemente perigosa. (Hobsbawn, 1997, p. 407).

Contraditoriamente ao que esperava os otimistas cientistas do final do século XIX, o último século do segundo milênio não foi um salto épico para um terceiro milênio extraordinário, evoluído, guiado pela lógica e pelas máximas do pensamento científico ao ápice do que a sociedade humana poderia alcançar, de tal forma que a ciência como motor do progresso humano, levaria a

⁵ A expressão *rock satânica* é recorrente nos discursos de exorcistas a partir da década de 1990, funcionando como uma categoria que associa práticas culturais contemporâneas em especial a música voltada ao público jovem a uma suposta infiltração demoníaca. Mais do que descrever um gênero musical propriamente dito, trata-se de uma construção discursiva que visa conferir materialidade ao imaginário do mal, inscrevendo a música dentro de um quadro simbólico de ameaça espiritual e de desordem social

⁶ Expressão usada para se referir ao medo generalizado do perigo nuclear da extinção humano e dos efeitos da radiação, inaugurado pelo uso de bombas nucleares pelos EUA, em fins da segunda guerra mundial.

sociedade a um estágio de configuração social onde as contradições do capitalismo tais como desempregos em massa, negação de acesso a direitos básicos, se fizessem não somente presentes, mas uma realidade que em momentos de crise principalmente, são irremediavelmente escancaradas, a quebra da bolsa de valores de 1929 é um bom exemplo, mas a pandemia da covid-19 (2020-2023), é um exemplo mais recente, e igualmente revelador.

A evolução do pensamento científico, fragmentou-o em tantos campos disciplinares de tal forma, que tornava-o cada vez mais difícil de ser apreendido em sua complexidade ao público leigo, a evolução dos conceitos científicos que explicavam as camadas que compõe a realidade se ramificaram a tal ponto de criar um abismo entre os cientistas e os leigos, e também ao ponto de criar paradoxos que colocavam em xeque não mais somente as certezas tradicionais do senso comum, mas as próprias bases científicas são solapadas e colocadas em xeque por novas evidências que foram possibilitadas por novas tecnologias como microscópio eletrônico e o telescópio, que embora tenham possibilitado novíssimas e diversas possibilidades de estudo, a um olhar marxista, como é o caso da leitura de Hobsbawn, não representou as grandes transformações esperadas pela grande parte da população que nunca manuseou nenhum desses objetos, e não teve sua realidade diretamente alterada, a medida que a produção itens, tomemos como exemplos, remédios e ou tratamentos de saúde recém descobertos, não era e em grande medida ainda não são, acessíveis por essa parte da população.

23

Tanto na área das ciências da natureza, com os estudos como os princípios da incerteza no desenvolvimento da teoria quântica, como na área dos estudos humanos, o movimento conhecido como *Linguistic turn*⁷ e os debates sobre o irrealismo, as bases de confiança que asseguravam aos sujeitos alguma ilusão de segurança e controle do futuro eram estremecidas, engolfando-os novamente nas incertezas do tempo.

3. Espiritas, bruxos, feitiçeiros e rock and roll, magia no século XX.

Sociólogos como Max Weber (2007) observaram, no início do século XX, que o avanço da racionalização científica impulsionou um processo de desencantamento do mundo, no qual explicações religiosas tradicionais deixaram de ocupar o mesmo lugar central de outrora. Tal

⁷ Confira: MALERBA, Jurandir. A História e os discursos: uma contribuição ao debate sobre o realismo histórico. Locus: Revista de História., Juiz de Fora, v. 12, n. 1, 2006.

processo, contudo, não significava o desaparecimento da religião, mas a sua reconfiguração em meio a novas formas de racionalidade, em que a ciência e a técnica assumiram maior protagonismo como instâncias de explicação e ordenamento da realidade.

Contudo, a crise da racionalidade moderna, e de seu projeto de ciência homogeneizante, que se desenvolveu à medida de acontecimentos da própria História e da maneira que o próprio pensamento científico se fragmentou e se alterou ao longo do tempo do século XIX e XX, apontava também para o fracasso do pensamento científico em guiar o homem a um futuro melhor. O malogro das intencionalidades do pensamento racional oitocentista, poderia despontar um retorno a uma busca das religiões tradicionais durante o século XX, mas isso não se verificou na realidade como ficará claro a partir das fontes. A experiência religiosa não desapareceu, contudo, não retornou ao que era antes dos conhecimentos científicos, ela se transformou.

François Hartog (2013) nos fala como a ordem do tempo do presente do século XX fora colocada em xeque, uma crise do futuro se instala, de um lado, um passado religioso/místico que não está abolido nem esquecido, mas de onde pouco se pode tirar para responder os anseios do presente, embora suas ruínas permaneçam sempre presentes na paisagem histórica, do outro, um futuro imprevisível, onde os sujeitos são privados da divindade das certezas científicas, e relegados as acelerações do tempo capitalista.

Esses sujeitos que atravessam a crise do racionalismo moderno de forma que nem a religião tradicional, e nem a ciência, tinham mais qualquer meio de controle de projeção efetivo sobre o futuro, o futuro se torna um lugar incerto, obscuro, e, portanto, temido. Com a crise desse pensamento racional, as formas de articular o presente, passado e futuro também se alteram.

Rodrigo Coppe Caldeira (2010) ao sintetizar os debates levantados por Daniele Hervieu-Léger (1945) nos esclarece sobre esse complexo processo em que, ao mesmo tempo em que acontecia o processo de secularização das sociedades modernas, as formas de pensar o religioso se transmutaram, se multiplicaram e se disseminaram, inaugurando inéditas e diversas formas de pensar o universo religioso:

As sociedades modernas vivem um verdadeiro paradoxo: ao mesmo tempo que se enfraquece o poder das instituições religiosas de enquadrar os fiéis, esfacelando visões de mundo e levando a insubordinação a qualquer instituição religiosa, abre-se espaço para que novas construções religiosas se sucedam. Surge uma liberdade jamais vista: os

indivíduos constroem agora a sua fé, longe do resguardo de qualquer instituição. “A crença não desaparece, ela se desdobra, se diversifica”. (Caldeira, 2010, p. 2).

Julgo importante esclarecer o que chamaremos de crise do racional, nos parágrafos imediatamente acima, para que se entenda historicamente a transição colocada no começo desse tópico, entre o século onde *o homem matou Deus* (XIX), e o *século do diabo* (XX). Essa crise do racionalismo e a busca pelo esoterismo do mundo que escapa a ciência, aliada a um afrouxamento do poder político da Igreja dada a gradual laicização liberal das democracias ocidentais, cria um terreno fértil para profusão de novas formas de pensar essa dimensão espiritual/divina e que como fica claro no texto dos exorcistas, não só se tornam ideias frutíferas, no sentido do constante renovamento de proposição de novas ideias, mas também estabelece fortes conexões com os sujeitos, penetrando no tecido social de tal maneira a haver primariamente, uma ressaca não somente das explicações científicas do mundo, mas também das religiosas tradicionais.

Dito isto, este deambulo histórico, é fulcral para fundamentar e compreender as motivações por trás das relações que se estabelecem entre o pensamento católico tradicional (dos exorcistas) e as novas formas de interpretar essa dimensão espiritual.

25

Amorth, diferentemente dos outros exorcistas dos quais já vamos nos valer também, dedica seu livro a combater simultaneamente em duas frentes. Rotula como tolice uma postura excessivamente científica e cética quanto as realidades espirituais, como também demoniza as outras formas de espiritualidade, que foram muitas a se difundir durante o século XX.

Nas páginas 80 e 81, Amorth (1990, p. 81 e 81) apresenta um dos tantos relatos de experiencia que compõe o livro a fim de evidenciar a legitimidade, a veracidade da possessão demoníaca como uma realidade contemporânea.

O relato de exorcismo é realizado pelo Pe. Cândido Amantini, em uma data que a fonte não nos informa, mas certamente na segunda metade do século XX, haja visto que Amantini ingressa no ministério exorcísticas a partir dos anos 60 (El Padre, 2017).

Durante o ritual, o Exorcista Amantini põe em prática uma de suas estratégias para reconhecer uma verdadeira possessão, como fazer perguntas complicadas a crianças supostamente possesas, avaliando o nível de complexidade da resposta em relação à idade da criança em questão:

Perguntei-lhe: há sobre a terra grandes cientistas, pessoas altamente inteligentes que negam a existência de Deus e a vossa, o que é que tu dizes? Ao que a criança lhe respondeu imediatamente <Altamente inteligentes? Que altamente inteligentes, são altíssimas incipiências>. O Pe. Cândido acrescentou, fazendo referência expressa aos demônios: há alguns que negam Deus conscientemente, com a sua vontade, o que achas disso? Ao que o demônio respondeu <Toma atenção e lembra-te que nós quisemos reivindicar a nossa liberdade também diante dele. Dissemos-lhe não para sempre>. (Amorth, 1990, p. 81, tradução nossa).

Ao tom que Amorth apresenta tal caso, ele ataca a incredulidade moderna como sendo incipiente, ignorante. A segunda resposta que a garota supostamente possua fórmula, é essencialmente comparativa à incredulidade e o ceticismo como parâmetro fundamental do conhecimento científico e o episódio bíblico da queda de Lúcifer com os seus, ao negarem a Deus, tal como os cientistas mais céticos citados por Amantini.

Francesco Bamonte em sua obra *Possessioni diaboliche ed esorcismo. Come riconoscere l'astuto ingannatore* (2004), que, em suma, busca informar meios de se reconhecer uma verdadeira possessão demoníaca, dedica um capítulo intitulado *Não deixemos nos condicionar pelo racionalismo* no qual alerta para o cuidado que se deve ter com as afirmações céticas das escolas de parapsicologia ou de psiquiatria *atéia*, e afirma ser necessário que um psiquiatra seja sensível as realidades espirituais e não caia nas ciladas do racionalismo:

Aliás, todos sabem que a psiquiatria dos dias de hoje ainda não é uma ciência clara, orientadas por uma só colocação teórica, existem várias abordagens que perscrutam, uns mais outros menos, o sofrimento psíquico e psicológico do homem, tema este, como é fácil de imaginar, bastante complexo, enquanto abrange a aceção global de homem-ambiente-cultura. E muitas diversas colocações ignoram a esfera espiritual, confundindo a alma do homem com a psique e consequentemente, pretendendo reduzir tudo a mente humana ou ao inconsciente [...] é por isso ignorada toda a referência à esfera espiritual ou o mundo sobrenatural, porque são entendidos como inexistentes. (Bamonte, 2005, p. 166-167, tradução nossa).

Fortea (2004) também escreve de maneira duramente crítica aos cientistas que negam a existência das realidades espirituais. Ao responder à questão como sabemos se algo é causado pelo demônio? o Exorcista reconhece que fenômenos naturais tem causas naturais, e por isso podem ser explicadas pelas leis desse mundo, contudo, afirma ser categoricamente um erro tentar explicar os feitos sobrenaturais pelas leis físico-químicas e cita como exemplo um caso ocorrido no ano de

1994, na cidade de Civitavecchia, na Itália, onde um bispo supostamente viu uma estátua de gesso da virgem Maria chorar sangue.

O relato teve forte repercussão entre os crentes no fenômeno e aqueles que estavam dispostos a desmascarar o fato, como é possível ver em matérias da época de jornais Italianos e mesmo jornais brasileiros, a maioria, cientistas de diferentes áreas, dotados uma ignorante soberba, na perspectiva de Fortea:

Se um cientista insiste em explicar isso com razões naturais, a única coisa que demonstra é o quão pouco razoável pode ser. Quer dizer: demonstraria estar usando a razão a favor de seu capricho, como um meio para chegar a uma verdade que já tenha decidido de antemão. Um cientista que usa a razão para seu capricho, já não é um cientista, e sim uma espécie de bruxo ou mágico da razão. **E assim, diante de determinados fatos, certas pessoas, apesar de suas qualificações, agem tão irracionalmente quanto um bruxo caribenho dançando ao redor do fogo. Dançam ao redor do fogo da razão, mas são as suas decisões tomadas de antemão que guiam seus movimentos nessa dança.** Em geral, quando um ato é extremamente preternatural e não há como negá-lo, por mais racional que seja, esses tipos de cientistas teimosos tiram da manga uma solução que valha para todos: os poderes da mente podem fazer milagres. (Fortea, 2004, p. 61, grifos nossos).

27

Fortea se posiciona, assim como os outros exorcistas, em um ceticismo equilibrado e estratégico, que não nega os avanços e as descobertas científicas, mas se negam apreender a realidade como sendo algo que pode ser completamente apreendido e explicado através das ciências. Havia de existir uma realidade em que a ciência não é capaz de alcançar, somente sendo possível acessá-la através dos métodos religiosos.

A crise da incredulidade moderna como é chamada por Amorth, era uma preocupação ainda menor, ou melhor, atuava como elemento causador, ou mesmo agravador de um problema maior e mais antigo, a qual o mundo parecia cada vez menos preocupado em combater. A presença do diabo, que se traduzia nas diferentes formas de espiritualidades e religiões que se difundiam na Itália e na Europa, como o espiritismo e as temidas seitas satânicas que buscavam reavivar novas formas de Paganismo e Satanismo. Estes dois últimos são apresentados como os verdadeiros inimigos e o verdadeiro problema que a Igreja enfrentara no século XX, tópicos aos quais os autores dedicam-se a explicar.

De todas as obras tomadas neste trabalho como fontes, todas resgatam em alguma medida, seja fundamentando, citando como uma realidade contemporânea, ou criticando, um assunto tão

caro quanto sensível a Igreja Católica é a magia, compreendida como uma das maneiras mais antigas que o diabo tem de agir no mundo (Bamonte, 2005). Entretanto, ela não tinha mais a face da velha bruxaria representada estereotipadamente por velhas bruxas em uma realidade rural, atuando como vetores de resistência de uma cultura pagã, e mexericando maledicências e malefícios (Garnot, 2008).

A magia no século XX, a partir dos discursos desses exorcistas, não caem no esquecimento, mas ganham uma nova face, as diferentes formas de pensar a dimensão espiritual, circulantes na Europa, e provenientes de diferentes cantos do globo, possibilitados por uma economia de globalização liberal dos finais do século, ou seja, as diferentes vertentes chamadas categorizadas de moderno espiritualismo⁸, ou seja, o espiritismo, o mesmerismo e mesmo religiões como a umbanda, são todos classificados e citados como diferentes formas modernas de se fazer magia, e nos alertam ainda para os diferentes e vários perigos de se envolver com esse tipo de prática.

Amorth (1990) dedica dois capítulos para tratar o assunto da magia e do malefício⁹ intitulados *qualcosa di più sulla magia* e, *il maleficio* Bamonte (2004) dilui o assunto de maneira natural na sua obra, que seria difícil citar os capítulos em que esse assunto não se faça presente. A obra de Fortea (2004) é organizada de maneira a se parecer com os grandes e antigos tratados escolásticos, ou seja, distribuir a obra em um compendio de questões complexas e multiformes. Nele, a terceira parte é dedicada a explicar a ação do demônio na natureza sob as diferentes configurações de magia e malefício possíveis através da relação do sujeito com os demônios.

Bamonte (2004) ao falar da ação extraordinária do demônio sobre a matéria, diz que está costuma ser rara embora “precisamos reconhecer que no nosso tempo está aumentando, por causa dos contatos cada vez mais frequentes da parte do povo com o mundo do ocultismo e de tudo que gira ao redor disso” (Bamonte, 2004, p. 68).

⁸ Podemos compreender o conjunto de práticas que ficou conhecido como moderno espiritualismo, de certa forma, como parte do grande movimento de reforma religiosa americana ocorrido na primeira metade do séc. XIX, e que foi responsável por inserir nas comunidades cristãs americanas condutas inovadoras em relação às práticas religiosas tradicionais realizaram inovações na prática dos cultos e da ritualística tradicional, incluindo como parte operante das comunidades a mulher, as relações extáticas com o sagrado e também iniciando uma verdadeira cruzada por valores sociais capazes de “tornar a comunidade digna de Deus (Portella; Costa, 2019).

⁹ Malefício, Bruxedo, ou um ato de bruxaria realizado por um bruxo para gerar algum tipo de desgraça a vítima com o auxílio do demônio (Bamonte, 2004, p. 83).

Em seguida explica que muitos, levados por um ceticismo leviano, pensam que as práticas ocultistas limitam-se ao campo da superstição e são inócuas, mas afirma que, dada a sua experiência no ministério exorcista, é possível constatar que um certo número de ações do demônio acontece por que o sujeito se aproximou ou teve contato com essas práticas ocultas, as vezes até sem seu conhecimento (Bamonte, 2004).

Nesse sentido, o Exorcista define em cinco pontos o que seriam essas práticas ocultas, que formam a face da bruxaria e do satanismo moderno, e que corroboram com a narrativa que viemos desenvolvendo até aqui:

Ter frequentado magos, cartomantes, bruxos, a magia, a feitiçaria, a cartomancia;

- 1- Ter feito uso de amuletos e talismãs, sobretudo se recebidos de bruxos, os quais os submetem a ritos de evocação e de propiciação aos espíritos.
- 2- Ter praticado certas técnicas como a meditação transcendental, da New Age, etc.;
- 3- Ter participado de seitas satânicas ou ter tomado esporadicamente parte em ritos de satanismo, como o pacto de sangue estipulado com o demônio, participações em missas negras, participação em homicídios rituais, profanação voluntária da eucaristia;
- 4- Ter ouvido por longos períodos de tempo e por muitas longas horas do dia, música com mensagens que convidam para o culto a satanás ou para a violência, para a necrofilia, para a blasfêmia, para o homicídio, e para o suicídio. (Bamonte, 2004. p. 69, tradução nossa).

29

Esses cinco pontos abarcam de modo geral todo o Satanismo presente no mundo no século XX segundo Bamonte, que se apresenta bilateralmente sob duas faces que serão expostas aqui respectivamente para manter o sentido da narrativa.

A primeira face vincula-se à uma corrente ocultista, herdeira direta das práticas pagãs, toma o diabo como um espírito não dotado de um corpo material, mas que se materializa sob diversas formas para os seus devotos que o invocam e o adoram, o honrando como Deus, em busca de ajudas ou poderes (a bruxaria clássica) (Bamonte, 2004).

A percepção dessa configuração de satanismo moderno se encontra mais explícita no livro do Amorth, no qual ele nomeia e localiza e reconhece na sociedade contemporânea quem são essas pessoas que ainda nos dias atuais praticam diferentes espécies de bruxaria.

Ao explicar o que é magia negra, Amorth instrui como sendo igualmente maléficos, as pessoas que praticam adivinhação, angúrio, magia, feitiçeiros, bruxos e ao que mais nos importa agora, aqueles que consultam os mortos (sedute spiritiche – sessão espírita).

Ao deparar-me com essa categorização de Amorth me questionei se ele se referia a diferentes formas rituais espiritistas que circulava entre esses sujeitos, ou se fazia referência ao movimento religioso espírita fundado por Alan Kardec (1804-1869) que parecia se alinhar com o discurso científico a cada nova descoberta da ciência ao passo que a Igreja tradicional perdia espaço para essas concepções. Contudo, Amorth ao detalhar mais sobre magia, nos tira essa dúvida, resgatando o mecanismo demonizador, e catalisando sua força também sobre esse grupo religioso:

Os feiticeiros julgam-se os senhores do bem e do mal. Os espiritas (spiritist) e médiuns empregam todos os seus esforços na invocação dos espíritos superiores ou dos espíritos dos defuntos, mas na verdade entregam o corpo e a alma a forças demoníacas, sem se darem conta que são sempre utilizados para um fim destrutivo. (Amorth, 1990, p. 149-150, tradução nossa).

Logo em seguida o Exorcista nos alerta para o verdadeiro perigo, tal qual Bamonte também assinala, que é a participação do sujeito em qualquer ritual ou grupo religioso dessa natureza:

30

Os ignorantes pensam que se trata somente de superstição, fingimento ou fraude. De fato, isto está relacionado a um certo número de casos, no entanto, na maioria dos casos a realidade é outra. A magia não é somente uma crença em algo falso desprovido de qualquer fundamento. É um recurso às forças demoníacas para influenciar o curso dos acontecimentos e influir sobre as pessoas, a seu prazer. Essa forma desviada de religiosidade [...] embora exista sob diversas formas, o resultado é o mesmo, afastar o homem de Deus, conduzi-lo ao pecado e à morte interior. (Amorth, 1990, p. 151, tradução nossa).

Tanto o espiritismo, como as outras diferentes práticas religiosas não cristãs surgidas no século XX, muitas tentando encontrar um caminho viável que conciliasse as descobertas científicas com as verdades espirituais, são rotuladas como diferentes formas de satanismo, não muito diferente de como o processo de demonização das culturas pagãs na idade média, contudo em um contexto histórico distinto.

Por sua vez, a segunda face relaciona-se à corrente que tem sido tão nociva quanto a primeira nos últimos anos, segundo o Exorcista Bamonte, a corrente do satanismo impessoal. Nela, não é identificada a crença objetiva em um diabo, deus ou espíritos. Entretanto, a partir dela entende-se que dentro de cada sujeito há uma força natural presente nos sujeitos e nos cosmos e

que pode ser emergida de diferentes formas, colocando-a a nosso serviço através de ritos blasfemos.

O diabo se apresenta, portanto, nessa corrente como não mais do que um símbolo, uma idealização dessa força que é reprimida no homem e que pode ser catalisada por rituais brutais “que são uma mistura explosiva de sexo e de profanação do sagrado, em uma virulenta contraposição ao Evangelho, à Igreja e à sua liturgia” (Bamonte, 2004, p. 52).

Isso acontece pois entende-se, ainda segundo o Exorcista que essa crença, delimita ainda a Igreja como a principal força repressora dessa energia natural circulante, em especial as religiões cristãs, e portanto é necessário libertar-se de todas as heranças limitadoras de origem religiosa, o mal toma a face de uma possibilidade de libertação, de contestação aos preceitos morais cristãos “a transgressão é o meio que permite aceder a experiências não costumeiras; só “fazer aquilo que se quer” (em sentido absoluto) , conduz à verdadeira realização” (Bamonte, 2004, p. 53):

Como consequência extrema de tal pensamento os adeptos do satanismo ateu chegam a pronunciar afirmações delirantes deste tipo: “O diabo sou eu, deus sou eu, todo homem é deus, todo homem é satanás, porque deus, satanás, somos nós; não existe outro deus ou outro satanás fora do homem. Não acreditamos em deus, mas somos deus; não acreditamos em satanás, mas somos satanás”. É uma concepção panteísta levada à sua lógica extrema: se não existe um Absoluto, se não existe nem Deus nem Satanás, então não existem limites absolutos ao que podemos fazer. Qualquer coisa que alguém decida querer fazer faça: se queres ser violento, seja violento; se queres fazer o mal aos outros para alcançares o sucesso, tens o direito de fazê-lo; e queres cultivar a tua cobiça, o teu egoísmo, a tua luxúria desenfreada, tens o direito de cultivá-los, porque estes são sentimentos inatos de todo homem. A satisfação dos Instintos é a única norma ética: “Faze o que queres, e será essa toda lei”, é a palavra-chave do satanismo moderno.” (Bamonte, 2004, p. 54).

Nas páginas a seguir até o fim do capítulo, Bamonte nos dá uma verdadeira descrição de como acontece os rituais dessas seitas satânicas, que tem por essência o objetivo de perverter ao máximo os símbolos cristãos, adicionando novos sentidos e formas de concretizar uma adoração ao diabo as concepções erigidas por demonólogos do século XV e XVI, que já nos diziam nas descrições do sabá negro, de festas em que cada ato é simbolicamente uma profanação de um símbolo sagrado, assunto já extensamente esclarecido por Carlos Ginzburg (2012). Na verdade, podemos pensar a versão dos exorcistas como uma releitura das *missas negras*, mas agora, aconteciam sob o som de músicas frenéticas que o conduziam a um estado de perfídia moral, o rock’n roll e o uso de drogas sintéticas.

Hobsbawn (1997) nos traz dados interessantes da indústria fonográfica estadunidense, a venda de discos cresceu pouco mais de 700% entre os anos de 1955 e 1973, período em que na Europa consolidavam-se os Beatles como um símbolo de identidade dos jovens. Certamente esse aumento estrondoso em vendas desses tipos de música preocupava a Igreja Católica, quanto ao imenso, impacto cultural desses grupos. Contudo, fora a partir da identidade visual adotada no que conhecemos como heavy metal, movimento artístico que teve a banda Black Sabbath como pioneiro.

O uso de símbolos diabólicos e uma estética demoníaca foram definidoras para a cristalização da identidade visual do gênero, e era um tema recorrente nas letras das músicas pelas várias bandas que dominaram parte do comércio fonográfico mundial nessa época. A preocupação da Igreja toma, a partir disso, outros níveis. O impacto cultural desses movimentos artísticos e culturais como o Heavy Metal, a cultura gótica e o ressurgimento da Wicca, se apresenta segundo os exorcistas, como os “sintomas do século do diabo” (Bamonte, 2004, p. 56), são lidos como desdobramentos diretos da crise de incredulidade moderna, gerada por uma visão demasiada otimista da ciência, e um projeto de estado demasiado laico que enfraquecera a Igreja.

32

Fortea (2004) ao nos trazer o debate sobre a possibilidade de existência de uma estética maligna, não fornece margem para acurar ainda mais a forma como se deu a demonização dos movimentos que utilizaram essa estética, como nomeia quem são esses grupos hoje em dia afirmando serem ainda uma preocupação para a Igreja, no início do século XXI.

A priori Fortea (2004) busca uma definição do que seria essa estética do mal, como uma busca por uma beleza na deformação violenta do que entende-se por beleza, onde o belo encontra-se na mais distorcida, desvirtuada e deturpada representação da própria criação. Nesse sentido afirma haver na consciência humana uma concepção estética universal do que é maligno, “qualquer principiante reconheceria uma representação do mal, sem que necessite de qualquer instrução étnica sobre essas mitologias” (Fortea, 2004, p. 283, tradução nossa).

Esse debate não se limita a uma veia artística do que seria o belo dentro dessa estética do mal visto que o Exorcista aponta para os perigos dos usos políticos de uma estética a serviço do mal, e nos dá dois exemplos para visualizar seu argumento. O primeiro exemplo é o regime nazista na Alemanha, que reconheceu primariamente que “uma mensagem horrível deve ser misturada a grandes doses de beleza, da beleza de um ideal social encarnada em palavras e imagens” (Fortea,

2004, p. 285, tradução nossa). O Exorcista apresenta o nazismo como um grupo que utilizava toda uma estética a serviço do mal, uma estética que representava o mal sob uma roupagem de beleza.

De maneira semelhante, Fortea (2004) apresenta um grupo de pessoas que tem uma disfunção insana na percepção da beleza, ele chama de góticos, mas é o mesmo grupo de jovens citados por Amorth (1990) que são induzidas pelo rock satânico:

Há pequenos grupos de jovens, chamados góticos, que cultivam a mais elevada forma de feiura como beleza. Eles se vestem de preto e usam uma maquiagem sombria (lábios pretos, maquiagem que desenhe olheiras escuras, usam inúmeros piercings na orelha, nos lábios e no nariz atravessados por objetos de metal, etc.), colocam como enfeites caveiras, mãos dissecadas, túmulos, em suma, usam um visual macabro e assim por diante. Isso realmente entra na estética do mal, mas está dentro da insana e ilógica estética do mal. É preciso entender que a estética do mal segue regras lógicas. E que tanto o que está envolvido com algumas ideias como de outras pode compartilhar a admiração pela obra de arte digna de louvor. Qualquer um pode entender a beleza das gárgulas, admirar valores puramente estéticos do III Reich, gostar do filme “O Bebê de Rosemary”. Mas o que é que se pode encontrar nesta corrente dos chamados góticos? Uma coisa é valorizar a plasmação estética do mal e outra cultivar a feiura em si mesma. (Fortea, 2004, p. 281, tradução nossa).

33

A preocupação com esses grupos, de maneira ligeiramente diferente se faz presente nos textos dos três exorcistas. Bamonte (2004) e Amorth (1990) declaram abertamente que nos dias atuais as forças demoníacas se fazem sentir com mais força, ao passo que Fortea (2004) questiona se a sociedade está doente por haver uma profusão tão grande desses movimentos artísticos que buscam a beleza na distorção do belo, na provocação ao status quo.

Contudo, a preocupação católica gerada pela profusão em massa de diferentes formas de religiosidades, científicismos, charlatanismos e movimentos artísticos culturais como o heavy metal, se traduziam não mais do que na preocupação com um movimento que parecia ser global em direção a rejeição esmagadora da população jovem com as crenças católicas, principalmente as mais tradicionais, como a possessão demoníaca:

As instituições mais severamente solapadas pelo novo individualismo moral foram a família tradicional e as igrejas organizadas tradicionais no Ocidente, que desabaram de uma forma impressionante no último terço do século. O cimento que agregava as comunidades de católicos romanos desfez-se com espantosa rapidez. [...] A liberação feminina, ou mais precisamente as exigências de controle de natalidade das mulheres, incluindo o aborto e o direito ao divórcio, enfiou talvez a mais profunda cunha entre a

Igreja e o que se tornara no século XX o pilar básico dos fiéis [...] em suma, para melhor ou para pior, a autoridade moral e material da Igreja sobre os fiéis desapareceu no buraco negro que se abriu entre suas regras de vida e moralidade e a realidade do comportamento de fins do século XX. As igrejas ocidentais que tinham um domínio menos compulsório sobre seus membros, incluindo mesmo algumas das mais antigas seitas protestantes, declinaram ainda mais rapidamente. (Hobsbawm, 1997, p. 262-263).

Essa leitura de Hobsbawm (1997) sintetiza de forma contundente os efeitos das transformações sociais e culturais do século XX sobre a autoridade religiosa tradicional, confirmando o diagnóstico apresentado ao longo do artigo.

4. Considerações finais

Dito tudo isto, tomemos a assertiva de Francis Young (2016) de que os exorcismos sempre emergem em tempos de crise para o catolicismo. As mentes católicas que prezavam pela manutenção dos ritos e das crenças mais tradicionais, esses que ficaram insatisfeitos com as reformas propostas pelo Vaticano II, refiro-me aos exorcistas que recusavam-se a aceitar o abandono das formulas do ritual, encontravam-se num momento de crise sem precedentes, em que o ministério de exorcismo católico desapareceria com a morte dos últimos exorcistas, haja vista que a igreja se esforçava para desestimular não só o uso do ritual, mas também cursos de formação de novos exorcistas, tornando essa figura extremamente rara, nos anos que se seguiram 1970.

Para além do silenciamento da Igreja, o assunto dos exorcismos não fora esquecido, e a partir de toda aquela onda cultural pode ser inserida dentro dos debates da busca por uma estética do mal, produções audiovisuais de projeção global surgem na década de 70, colocando o tema do exorcismo como uma temática de várias produções audiovisuais nos anos que se seguiram¹⁰.

Os exorcistas surgem nas marginalidades da Igreja na década 90 para formar a Associação Internacional dos Exorcistas, e é partir do reconhecimento dessa realidade histórica diabólica que eles tomam-na como explicação para um suposto aumento de ataques demoníacos no mundo. É a partir da profusão de numerosas formas culturais e religiosas que explicavam, segundo eles, erroneamente a relação entre o plano material e o plano espiritual, que eles se veem ameaçados.

¹⁰ Confira: BOSSONE, Michel. O exorcista: a representação da possessão demoníaca nos anos de 1970. Dissertação (Pós graduação em História) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2015.

Seu ministério ritualístico perde gradualmente o sentido de atuação social como mecanismo religioso e então se mobilizam e projetam seu discurso na circulação social, buscando definir uma verdade e resgatar o sentido de uma prática religiosa ameaçada pelas mutações sociais ocorridas nos séculos XIX e principalmente XX.

5. Referências

- AMORTH, Gabrielle. **Un esorcista racconta**, EDB. 1990.
- AMORTH, Gabrielle. **Um exorcista conta-nos**, Paulinas. 2000.
- BAMONTE, Francesco: **Possessioni diaboliche ed esorcismo**. Come riconoscere l'astuto ingannatore, 2004.
- BONATO, Massimo. **Igreja Católica e a modernização social**: A crise do catolicismo a partir da expedição missionária de um grupo de jovens italianos em Belo Horizonte nos anos 1960, 2014.
- CALDEIRA, Rodrigo Coppe. HERVIEU-LÉGER, D. O peregrino e o convertido: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, 2010. 35
- CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações, 2002.
- CHAVES, Cintya. **“De Deus aos homens”**: O movimento de ação católica no município de Limoeiro do Norte – CE (1940 – 1954), 2014.
- DANTAS, Kamila. **A loucura na idade média**, 2015.
- EL PADRE Cándido, exorcista de Roma y maestro de exorcistas, vencía al diablo con paciencia y amor. *Religión en Libertad*. 04 de out. 2017. Disponível em: https://www.religionenlibertad.com/personajes/171004/padre-candido-exorcista-roma-maestro-exorcistas-vencia_46339.html.
- FORTEA, José Antônio. **Summa Daemoniaca**. El Arca, 2004.
- GALVÃO, Ana. **História das culturas do escrito**: Tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes. *Cultura escrita e letramento*, 2010
- GARNOT, Benoit. **A (literal) caça às bruxas**. História VIVA: sob a sombra do diabo, 2008.
- GINZBURG, Carlo. **História noturna**: decifrando o sabá, 2012.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: Presentismo e experiências do tempo, 2013.

HOBBSBAWN, Eric. **A Era Dos Extremos**: O Breve Século XX (1914 - 1991), 1997.

LAURENTIN, René. **Prefácio a edição francesa**, *Apud AMORTH*, Gabrielle. **Um exorcista conta-nos**, EDB. 1990.

LAYCOOK, Joseph. **The Catholic Church's views on exorcism have changed**: a religious studies scholar explains why. The conversation, Itália, 20 maio 2022.

Disponível em: <https://theconversation.com/the-catholic-churchs-views-on-exorcism-have-changed-a-religious-studies-scholar-explains-why-182212>. Acesso em: 2 fev. 2025.

PESTANA, Dom Manuel Filho. **Prefácio a edição portuguesa**, *Apud AMORTH*, Gabrielle. **Um exorcista Conta-nos**, EDB. 1990.

PORTELLA, Rodrigo; COSTA, Vinícius. O Moderno Espiritualismo:: Uma reflexão sobre a produção de sentidos religiosos na modernidade. **Revista brasileira de História das Religiões**, 2019.

ROSSETE, Cassio. **Possessão e exorcismo na Igreja Católica**, 2021.

SOUZA, Maria de São José. **Notas da tradutora**, *Apud AMORTH*, Gabrielle. **Um exorcista conta-nos**, Paulinas. 2000.

YOUNG, Francis. **A History of Exorcism in Catholic Christianity**, 2016.

36

Artigos Livres

Recebido em: 03 fev. 2025.

Aprovado em: 02 jun. 2025.